

## Terra braba ãa sala de aula

Adna de Almeida Lopes  
*Mestranda em Letras - UFAL*

Quero expor algumas das atividades da disciplina Literatura Brasileira, realizadas numa classe com quarenta e cinco alunos do primeiro ano básico (2<sup>o</sup> grau) em um colégio do interior de Alagoas (Rio Largo), no ano de 1991.

Utilizando as orientações recebidas durante todo o Curso de Letras, na UFAL, procurei trabalhar a literatura sob um prisma transformador, crítico e interdisciplinar.

Para as atividades desenvolvidas na classe, fiz a escolha de um romance moderno — *Terra Braba*, de David Gonçalves — cuja ação e suspense agradam a adolescentes, mesmo aos que não têm tido oportunidade de leitura (como era o caso da maioria dos alunos).

O livro iria dar à classe a idéia completa de uma das obras do autor, como também garantir a unidade artística. Tinha interesse em que os alunos lessem uma história com trama, desenvolvimento gradativo do conflito e desfecho. Os livros didáticos (textos mais lidos pelos alunos) apresentam textos mutilados onde, pelo fragmento lido, têm-se apenas uma idéia parcial da obra.

A história de leitura dos alunos não é animadora. Pelo diagnóstico realizado no primeiro dia de aula, apenas uma parte da turma disse gostar de ler, estar lendo ou já ter lido livros. A maioria expressou-se dizendo que não gostava de ler, lia apenas gibis e revistas ou que os únicos livros tinham sido os didáticos.

O romance *Terra Braba* traz um caderno de tarefas com questões de treinamento de linguagem; no entanto, não quis me deter apenas na aplicação dessas atividades, deixando-as a critério do aluno. Minha intenção foi a de trabalhar, mais especificamente,

o interesse pela leitura de romances, a compreensão de um texto literário e a discussão dos problemas sociais abordados no livro, desenvolvendo com isso o senso crítico, a produção escrita e a criatividade dos alunos. E foi para atingir esses objetivos que recriei as atividades expostas, fundamentadas em autores como Marisa Lajolo, Regina Zilberman e Cipriano Carlos Luckesi.

Entre as sugestões de Lajolo (1982) estão as da contextualização dos textos para e pelos alunos, o privilégio do ato de redigir e não de copiar idéias e o trabalho de compreensão através de outras reflexões que ampliem a rede de significações do texto literário.

Para Zilberman (1989), o trabalho com o texto literário requer atividades "para que o aluno, após a leitura, expresse sua experiência, acentuando as motivações interiores provocadas, identificação e rejeição, evocações, provocações". Ela sugere, também, a valorização dos "elementos intertextuais" de um romance e dos "dados sobre os quais o texto silencia".

Já Luckesi (s.d., p.15), fornece fundamentos para uma "prática docente crítica e construtiva", quando diz que "o uso permanente do método dialético, a partir da categoria da totalidade, pode desenvolver nos educandos uma forma complexa e universalista de ver e de viver no mundo e em sociedade".

O primeiro passo para desenvolver as atividades foi a leitura do livro por todos os alunos. Sem ela, a proposta se tornaria inviável. Tiveram, então, condições de opinar sobre o texto e participar das discussões em classe sobre os aspectos literários e sociais abordados pelo autor.

Nos exercícios de interpretação de texto, tanto orais quanto escritos, os alunos responderam sobre a idéia central do romance, características das personagens, e identificaram as diversas histórias contidas no livro, o clímax do romance e estratégias do autor através do uso de reticências, na p. 83, para conservar o herói anônimo.

Para um melhor entendimento de termos plurissignificativos contidos no romance, apresentei aos alunos um pequeno esquema baseado no enunciado: "Mas o sertão está no homem" (p. 7).

## SERTÃO

## HOMEM

árido	aridez no coração
ressecado	sentimentos ressecados de mágoa
seco	barriga seca de fome
sequidão ecológica	sequidão espiritual (embrutecimento)

Outra atividade que movimentou muito a turma foi a identificação dos problemas sociais abordados no romance. Tracei o gráfico no quadro de giz e fui preenchendo à medida que eles relatavam o tipo do problema, a parte do texto para comprovação e o número da página onde se encontrava o fragmento escolhido:

Problemas sociais abordados por David Gonçalves em Terra Braba

## PROBLEMA

## COMPROVAÇÃO

Contrabando	"O contrabando é como visgo. É duro largar" (p. 10)
Jaguncismo	"...o patrão já estava lá na minha porta, com dois jagunços" (p. 32)
Êxodo rural	"Peguei mulher e filhos e vim prá cidade". (p.58)
Mecanização	"Tratem de arrumar tudo e dar o fora! Aqui só fica o trator". (p. 56)
Diferença de Classe	"Enquanto uns estavam sempre por cima da carne seca, outros comiam o pão amassado". (p. 7)
Incompetência policial	"Muitos roubos, muitos ladrões que a

---

	polícia faz questão de não botar as mãos". (p. 35)
Violência policial	"A polícia chegou e esparramou o motim". (p. 25)
Invasão cultural	"Prefiro música brasileira do que velharia importada". (p. 53)
Violência	"Um balaço rebentou de lado a lado o crânio do velho". (p. 22)
Impunidade, injustiça	"...Quem está inocente vai prá cadeia, quem tem culpa consegue liberdade!" (p. 85)
Corrupção política	"Este governo não olha as necessidades do povo!" (p. 68)
Inflação	"O preço da passagem sobe todos os dias (p. 25)
Opressão	"As pessoas nem podem reivindicar os seus direitos". (p. 25)
Passividade	"Eu só disse: sim senhor, sim senhor" (p.32)
Desmatamento	"Aqui o homem chegou, desmatou, liquidou a natureza". (p.62)
Desemprego, miséria	"Família expulsa da fazenda: uma história como tantas iguais" (p. 57)

Para encerrar as atividades com o texto de David Gonçalves, sugeri que os alunos inventassem uma história onde aparecessem

problemas sociais interferindo na vida das personagens. Com isso, tiveram oportunidade de relatar, de forma crítica, os problemas vividos por eles na comunidade.

Dessas produções (e de outras desenvolvidas no decorrer do ano letivo) foram selecionadas uma de cada aluno para compor o livro de histórias da turma, no final do ano.

A avaliação do assunto foi feita através de comentários orais, prova escrita subjetiva e produção escrita individual onde observei aspectos como coerência e coesão e criatividade.

Através dos comentários dos alunos, no momento da avaliação, percebi que eles gostariam que tivessem sido feitas anotações mais sistematizadas para copiarem no caderno. Copiar um conteúdo no quadro iria de encontro com a ação pedagógica aplicada por mim.

Entretanto, eles têm razão de cobrar esse tipo de atividade, visto que foram habituados a copiarem do quadro desde pequenos, no primeiro grau. Ainda não compreendem que "não basta saber os conteúdos; importa exercitar, pensar com eles e a partir deles". (Luckesi, s.d., p. 23).

Os objetivos a que me propus ao realizar as atividades descritas neste trabalho, foram atingidas em grande parte. Consegui que os alunos lessem um romance e alguns, depois, ficaram pedindo emprestado outros livros para ler. A dificuldade vem quando o livro é vendido. As famílias não têm condições financeiras nem interesse em comprar livros.

Constatei, também, como os adolescentes são receptivos e sensíveis ao texto literário, quando demonstram o entendimento da narrativa e descobrem aspectos que, na minha concepção, considerava de "difícil" aprendizagem.

Uma das coisas que não consegui fazer e considero um objetivo não atingido foi a de levar os alunos a entenderem que estudar literatura envolve atividades diversificadas e interdisciplinares, através das leituras, discussões e produção de texto. Para eles, aula que não tenha "o ponto" ou a "anotação" copiados no quadro (como muitos professores fazem), não é aula. Acham, também, que misturo Literatura com Português, História e Política, não acreditando que essas coisas possam estar interligadas.

Refletindo sobre os pontos acima, com o intuito de auto-avaliação, gostaria de encontrar um meio-termo para não cair no radicalismo (tradicional ou super-revolucionário). Ou então, ir propondo modificações gradativas em um currículo de Literatura. Digo isso, porque, implantar propostas exige o apoio do setor administrativo e técnico do colégio e a adesão dos colegas professores e pais de alunos. Caso contrário, o trabalho se tornará isolado e sem muitos resultados.

Assim, mesmo percorrendo um caminho longo e trôpego, importa chegar a um final onde as consciências estejam renovadas por uma ação transformadora. Que o educando tenha conseguido dar, segundo Luckesi (s.d., p. 19) "um salto no sentido de apropriar-se de algo novo que se lhe está sendo proposto".

## Referências bibliográficas

- GONÇALVES, David. Terra Braba. 10. ed. Curitiba, HDV, 1982.
- LAJOLO, Marisa. "O texto não é pretexto". In: *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Por uma prática docente crítica e construtiva. Mimeo.
- ZILBERMAN, Regina "Um livro didático para a pós-modernidade". In: *Livro didático, literatura e pós-modernidade no Brasil*. Mimeo.